

UM OLHAR OUTRO

E voltamos uma vez mais ao historiador Rodney Stark para retomarmos as suas considerações no livro *Falso Testimonio*, onde ele procura pôr em causa a objectividade de tantas acusações à Igreja Católica. Hoje e nos números seguintes, vamos falar do cap. 6, que ele intitula «Monstros da Inquisição». Começa assim:

«A expressão Inquisição espanhola traz à nossa memória um dos capítulos mais terríveis e sangrentos da história ocidental. Criada em 1478 pelos monarcas espanhóis Fernando e Isabel, a Inquisição recebeu o encargo de tornar a Espanha livre de hereges, especialmente judeus e muçulmanos que pretendiam passar por cristãos. Mas a Inquisição esteve também de olho atento a todos os protestantes, bruxas, homossexuais e delinquentes doutrinários e morais de toda a espécie».

Foi sobretudo quando o fanático Tomás de Torquemada foi nomeado Inquisidor Mor que a Inquisição torturou e matou grande número de inocentes. Com os autos de fé, aos sábados, muitos tidos como hereges eram queimados vivos e também livros proibidos e até tratados científicos. E até houve inquisidores que se tornaram ricos pela confiscação dos bens das vítimas.

Foi em 1567 que um livro devastador, contando os horrores da Inquisição, logo traduzido em várias línguas, deu a conhecer tais horrores, pois que a sua parte principal «descreve passo a passo o processo a que se via submetida uma vítima inocente até terminar na fogueira». Foi com base nestes relatos que o popular historiador Will Durand (1885-1981) deixou para gerações de leitores da actualidade a ideia de que «temos de classificar a Inquisição (...) entre as manchas mais escuras na memória da humanidade, reveladora de uma ferocidade desconhecida entre as bestas». E acrescenta o nosso autor: «Não só historiadores, mas também novelistas, pintores e guionistas de cinema recrearam muitas vezes cenas de brutal sadismo inquisitorial».

E continua: «Quantas foram as vítimas da Inquisição? A enciclopédia da Microsoft *Encarta* diz que Torquemada «executou milhares». A *Encyclopedia of Religious Freedom* atribui-lhe um total de 10.000 mortos, como também Edmond Paris, que sustenta ainda que nas prisões de Torquemada morreram mais 125.000 pessoas em consequência das torturas e pela fome. Alguns historiadores calcularam que durante o período de vigência da Inquisição foram queimadas na fogueira mais de 31.000 pessoas, embora Simon Whitechapel sustente que só durante o mandato de Torquemada os mortos foram mais de 100.000. Outro historiador defendeu que a Inquisição queimou na fogueira 'cerca de 200.000 (...) em 36 anos. Por seu lado, David Hunt afirma que, no total, a Inquisição condenou mais de três milhões de pessoas, aproximadamente 300.000 das quais foram queimadas na fogueira».

Mesmo com a disparidade dos números, os autores estão de acordo que a Inquisição foi um banho de sangue, que envenenou as atitudes para com a Igreja católica. É recentemente, «em 2003, Simon WhiteChapel começou o seu livro sobre as 'atrocidades' da Inquisição com estas palavras: «Desde o início, desejo que fique bem claro: pessoalmente, sinto desprezo pela Igreja Católica».

Até aqui, nós estávamos de acordo com tal relato. Sem contestação. A história foi assim contada. E nós, católicos, carregamos, envergonhados esta história. Mas terá sido assim?

Uma vez mais, o nosso autor vai olhar para as fontes, analisar os documentos e dar uma outra versão. Certamente fazendo a sua leitura dos dados. Serão credíveis as fontes que ele consulta? É o que devemos perguntar-nos.

E Rodney continua: «O informe standard sobre a Inquisição espanhola é, em boa medida, uma série de mentiras, inventadas e difundidas por propagandistas ingleses e holandeses no século XVI, coincidindo com as guerras que estas duas nações tiveram com Espanha, repetidas, desde então, por historiadores maliciosos ou mal informados, empenhados em confirmar 'uma imagem de Espanha como nação de fanáticos intolerantes'. A obra que deu início aos relatos sangrentos foi escrita por Montanus, um monge renegado espanhol que se tornou luterano e fugiu para a Holanda. Para ele «todas as vítimas da Inquisição são inocentes, todos os funcionários da Inquisição são subornáveis e falsos, todos os passos do procedimento representam uma violação da lei natural e racional». Só que... «os novos historiadores da Inquisição descobriram que, ao contrário do que acontecia nos tribunais laicos de toda a Europa, a Inquisição espanhola foi uma força coerente em favor da justiça, da moderação, das boas práticas dos juizes e do Iluminismo».

Os novos historiadores tiveram acesso aos arquivos, que eram secretos, da Inquisição de Aragão e de Castela. E puderam ler os processos de 44.674 casos investigados entre os anos 1540 e 1700. Tais casos são uma mina de ouro para os historiadores modernos. Dados que estão agora introduzidos numa base de dados que facilita a sua análise estatística. É com base em tais documentos, agora de fácil acesso, que os novos historiadores (Carlo Ginzburg, Henbry Kamen, E. William Monter, John Tedeschi) têm escrito. E o nosso autor baseia-se neles para nos dar uma visão diferente da que conhecemos. Como veremos a seguir.

P. Abílio Cardoso



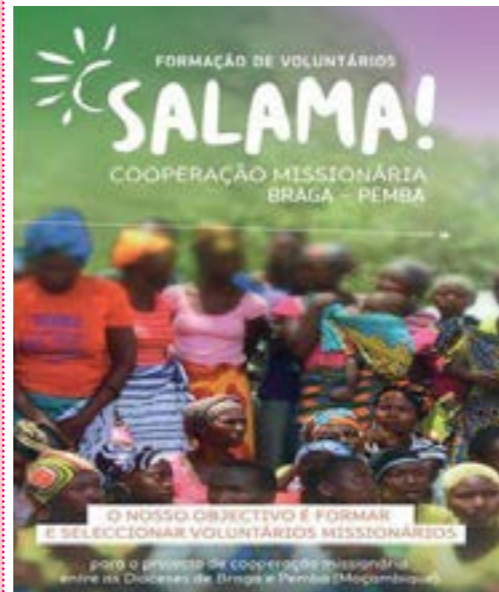
VOCAÇÕES: IGREJA VIVE A SEMANA DOS SEMINÁRIOS DE 1 A 8 DE NOVEMBRO

A Semana dos Seminários de 2020, que se vive de 1 a 8 de novembro, tem como fonte de inspiração a palavra do Evangelho: «Jesus chamou os que queria e foram ter com Ele» (Mc. 3,13).

O presidente da Comissão Episcopal Vocações e Ministérios (CEVM) refere que a "opção pela vida sacerdotal", com o pedido de ingresso ao seminário, "exige hoje, porventura mais do que noutras épocas, uma fé corajosa".

"Numa cultura que promove o provisório e induz ao experimentalismo, uma opção de tal radicalidade supõe uma fé capaz de arriscar, uma fé consciente de que é preciso deixar algumas pedras preciosas porque se encontrou o verdadeiro tesouro", escreveu D. António Augusto Azevedo, na sua mensagem para a 'Semana dos Seminários' 2020, que decorre de 1 a 8 de novembro.

In Ecclesia, Lisboa, 21 out 2020



Jovens de Barcelos, não querem fazer uma experiência de voluntariado em Ocuva? Vale a pena. Inscrevam-se para a formação.

BODAS DE OURO

Celebram hoje, dia 25, as suas bodas de ouro de casamento **Avelino Pereira de Faria e Zulmira Guimarães de Justa**. O casamento foi celebrado na Igreja Matriz de Barcelos no dia 25 de Outubro de 1970. A Paróquia une-se à acção de graças e felicita o casal por este jubileu.

PARA ELES OS NOSSOS PARABÉNS



Ano XVI - Nº 43 - 25 de Outubro de 2020

Rua D. António Barroso, 116, 4750-258 Barcelos. Tel. 253 811 451, Telm. 966 201 411, email: paroquiadebarcelos@sapo.pt

Web: paroquiadebarcelos.org - Facebook: www.facebook.com/paroquiadebarcelos/

Tantos mandamentos para ocultarem o essencial

Para nós, cristãos, a pergunta sobre o que Deus manda ou o que é amar só tem uma resposta, exarada na cruz: Jesus, o Crucificado falou do amor fiel até ao fim, um amor total, sem medida. Contemplá-lo na cruz dispensa todos os discursos.

O evangelho de Mateus (22, 34-40) reporta-nos mais uma das armadilhas que os fariseus tentaram com Jesus. Foram várias as tentativas para terem com que O acusar.

Os mandamentos de Deus tornaram-se, com o tempo, um fardo pesado para o crente judeu. Lendo a Lei de modo apertado, os chefes religiosos desenvolveram a confissão de fé judaica, que afirma que Deus é um só e que manda amá-lo sobre todas as coisas (Deut. 6, 5). E foram tão excessivos que contraram, no Pentateuco (os cinco primeiros livros da Bíblia) 613 preceitos (365 negativos, um para cada dia do ano) e 248 positivos (pensava-se na altura que eram 248 os membros do corpo humano). Neste emaranhado de preceitos, onde estaria Deus? E qual o essencial dos mandamentos de Deus? E qual a posição de Jesus, considerado o Mestre?

TODOS OS SANTOS E FIÉIS DEFUNTOS

A pandemia levou a fechar os cemitérios. Mais uma razão para sermos criativos nos modos de celebrar as tradições da fé cristã, que, na cidade, eram promovidas pela Confraria das Almas.

NÃO HÁ PROCISSÃO AO CEMITÉRIO no dia de Todos os Santos. Sendo domingo, mantêm-se todas as missas.

Em nome dos paroquianos, o Prior, concedida autorização prévia, irá rezar no cemitério. E às 17.00 haverá adoração ao Santíssimo na Igreja Matriz. E convida todas as confrarias da cidade a um momento de especial oração pelos defuntos, com a celebração das vésperas diante do Santíssimo, às 18.00 na Igreja Matriz.

«Rebentando» a armadilha dos «corações engessados» (D. António Couto), Jesus acrescenta ao amor a Deus o amor do próximo como a si mesmo (Lev, 19, 18), como segundo mandamento semelhante ao primeiro. Sendo semelhante, ele faz corpo com o primeiro. «Sendo assim, então o amor a Deus é verificável no amor ao próximo, no nosso dia-a-dia» (D. António Couto). E não são separáveis estes dois mandamentos.

Persiste, ao longo da história da Humanidade, a tentação de nos perdermos em discussões que nos afastam do essencial. Nas discussões judaicas, o verdadeiro rosto de Deus ficou de lado, o amor tornou-se lei da razão, saindo do coração. Jesus, o Mestre, resitou o «lugar» de Deus como Amor em acção, o Essencial que se esquece facilmente quando deixamos de O reconhecer nos rostos concretos, que se cruzam connosco. Nos estrangeiros, nos órfãos e nas viúvas (Ex. 23, 20-26) de todos os tempos que, mesmo hoje com segurança social e seguros, não deixam de nos provocar com os seus rostos fragilizados e doridos, pedindo que os cuidemos.

Jesus selou com a sua morte na cruz este amor total, um amor ao próximo e um amor ao longínquo, o inimigo, aquele que o mata e a quem perdoa. Na cruz deixou de haver os «nossos» e os «outros», os de cá e os de lá, os amigos e os inimigos. Ele deu a vida por todos. E o seu amor na cruz tornou-se uma provocação constante e incontornável: o amor verdadeiro só existe na doação da vida pelo outro, tornando próximo o que está afastado. Logo, a provocação de Jesus é intemporal: cada um de nós hoje é chamado a imitar Jesus e, na medida em que se identifica com os gestos de Jesus, também pode dizer, como S. Paulo aos Tessalonicenses (1 Tes 1, 5-10) para serem seus imitadores.

Ao terminar o mês de Outubro e começarmos o de Novembro, a saudade leva-nos aos cemitérios, como lugares de memória agradecida. Mesmo impedidos pela pandemia, não deixemos de «aproximar» os entes queridos, trazendo-os para as nossas famílias na oração de sufrágio, que não deveria nunca faltar numa casa cristã.

O Prior - P. Abílio Cardoso

ENSINA-NOS, SENHOR, A VISÃO COMPLETA DA VIDA

Que não cessemos de saudar a cada dia o seu milagre assombroso e de o receber com coração humilde e consciente.

Que não cessemos de permanecer fascinados pela prodigiosa rede de amor que sustém o mundo: quanta prontidão, quanta resiliência, quanto dom, quanta esperança se ocultam invencíveis em gestos que se diriam frágeis, ou em contributos que apressadamente julgámos insuficientes.

Faz com que não nos tornemos profissionais da lamentação e do desânimo, mas testemunhas apaixonadas e poetas do real, que a cada instante se faz mais puro.

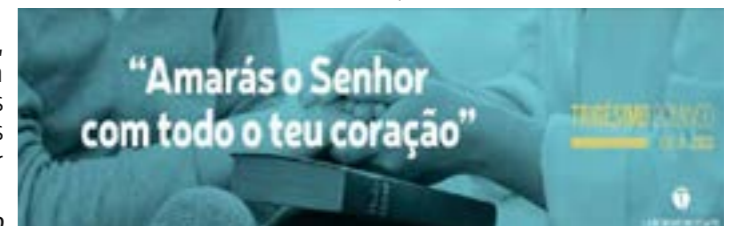
Que o isolamento do corpo nunca signifique isolamento da alma, mas o contrário: que se agigante, a alma, revelando a sua condição de transparência e de bondade, porque é por isso que Tu nos criaste.

Que não choremos apenas os abraços não dados, mas saibamos agradecer por todos aqueles que trocámos, cujo sentido e promessa esquecemos na distração dos dias.

Que não permaneçamos apenas a ruminar nos nossos passeios no bosque sempre adiados, ignorando que os bosques são encantadores mesmo quando ninguém os vê.

Por isso, pedimos-te que a nossa vida se assemelhe à sala de ensaios de uma companhia onde pacientemente se preparam os passos para o início da grande dança.

Card. José Tolentino Mendonça, In *Avvenire*, Trad.: Rui Jorge Martins



A VIDA DO POVO DE DEUS TORNADA ORAÇÃO
XXX DOMINGO DO TEMPO COMUM
Aclamai a glória e o poder do Senhor
SEGUNDA, 26 – Leituras: Ef 4, 32 – 5, 8
 Lc 13, 10-17

SEXTA, 30 – Leituras: Filip 1, 1-11
 Lc 14, 1-6

09.00 (Senhor da Cruz): Alcina Vieira e marido
15.30 (Terço): Carla Patrícia Simões da Silva e pai
19.00 (Matriz): Ludovina Torres da Cunha (1º aniv.)

09.00 (Senhor da Cruz – Intenções colectivas):
 – Teresa Baptista de Araújo, Sebastião Carvalho e filhos
15.30 (Terço):
19.00 (Matriz): Paula Maria Lopes Lourenço

TERÇA, 27 – B. Gonçalo de Lagos
 Leituras: Ef 5, 21-33
 Lc 13, 18-21

SÁBADO, 31 – Santa Maria
 Leituras: Filip 1, 18b-26
 Lc 14, 1. 7-11

09.00 (Senhor da Cruz): M.ª da Conceição Fernandes Pereira
19.00 (Matriz): Margarida Alzira de Carvalho Fonseca Furtado
 (aniv. nascimento)

09.00 (Senhor da Cruz): José de Jesus Vilas Boas
17.30 (São José): Acção de graças ao St.mo Sacramento
19.00 (Matriz – Intenções colectivas):
 – Silvestre Martins Coutada, esposa Adelaide e filho Custódio

QUARTA, 28 – S. Simão e S. Judas
 Leituras: Ef 2, 19-22
 Lc 6, 12-19

DOMINGO, 1 – XXXI DO TEMPO COMUM
TODOS OS SANTOS
 Leituras: Ap 7, 2-4. 9-14
 1 Jo 3, 1-3
 Mt 5, 1-12a

09.00 (Senhor da Cruz): M.ª Rosário Pereira e Laurinda Abilheira
15.30 (Terço – Intenções colectivas):
 –
19.00 (Matriz): Francisco da Silva Martins (30º dia)

09.00 (Senhor da Cruz): Carmo da Glória Martins
 e Fernando Agra

QUINTA, 29 – Leituras: Ef 6, 10-20
 Lc 13, 31-35

08.00 (São José): Familiares de M.ª Emília Marques Durães
09.00 (Senhor da Cruz): M.ª da Conceição Fernandes Pereira
15.30 (Terço):
19.00 (Matriz – Intenções colectivas):
 – Lenoel da Quinta Fernandes
 – Henrique Silva Mota Faria

11.00 (Matriz): Pelo povo
12.15 (Senhor da Cruz): Irmãos da Real Irmandade
15.30 (Terço): Maria Alves da Costa (1º aniv.)
19.00 (Matriz): Pelos irmãos, vivos e falecidos,
 da Confraria do Santíssimo Sacramento

A FRATERNIDADE NÃO PODE ESPERAR

1. Irmãos. Eis a condição mais bela que em nós foi depositada por Deus. Eis, portanto, o trato mais autêntico que podemos ter entre nós. Nem sempre, porém, nos queremos como irmãos. E, muito raramente, agimos como irmãos.

2. A fraternidade apresenta uma fundura – e uma âncora – transcendente. Somos irmãos porque temos o mesmo Pai. A humanidade procede da divindade, de que é imagem e semelhança (cf. Gén 1, 26). É, pois, pela fraternidade que mais visibilizamos a primordial paternidade.

3. Por vezes – a bem dizer, quase sempre – são as tragédias que nos acordam para a nossa constitutiva (embora também obscurecida) fraternidade. Na sua última encíclica, o Santo Padre sinaliza que «a pandemia do Covid-19 despertou [...] a consciência de sermos uma comunidade mundial que viaja no mesmo barco, onde o mal de um prejudica a todos».

4. Daí a preocupação de delinear os alicerces – e até de propor um programa – para uma humanidade (efectivamente) guiada pela fraternidade. É que, por deformação pluritencular, propendemos a acolher a fraternidade à família e aos que partilham interesses.

5. Trata-se do «mundo dos sócios», denunciado pelo Sumo Pontífice. No fundo, nem sempre sabemos que todos somos irmãos. E – o que é mais grave – temos uma portentosa dificuldade em agir como irmãos.

6. Por conseguinte, é hora de «recomeçar». As dificuldades, «que parecem enormes, são a oportunidade para crescer e não a desculpa para a tristeza inerte que favorece a sujeição». Contudo – ressalva o Papa Francisco –, «não o façamos sozinhos, individualmente».

7. Se estamos estruturalmente ligados, porque teimamos em desligar tantos do essencial? A chave está no amor que, por (sobre)natureza, é oblativo, não possessivo. Evocando São Tomás, o Santo Padre emoldura o amor «como um movimento que centra a atenção no outro “considerando-o como um só comigo mesmo”».

8. É por isso que «o individualismo radical é o vírus mais difícil de vencer. Ilude. Faz-nos crer que tudo se reduz a deixar à rédea solta as próprias ambições, como se, acumulando ambições e seguranças individuais, pudéssemos construir o bem comum». Num mundo crescentemente global, «ainda estamos longe duma globalização dos direitos humanos mais elementares».

9. Daí que a política «não possa deixar de colocar entre os seus objectivos principais a eliminação efectiva da fome». Importa não esquecer que «a fome é criminosa, já que a alimentação é um direito inalienável». Tudo isto implica o reconhecimento do outro como pessoa, como irmão. «A partir deste reconhecimento – feito cultura –, torna-se possível a criação de um pacto social».

10. Carecemos urgentemente desse pacto. A fraternidade não pode esperar mais. Ou crescemos como irmãos ou nos despedaçamos no nosso intratável – e insuportável – egocentrismo!

João António Pinheiro Teixeira, In DM 20.10.2020


BREVE NOTA DA CEP AO DOCUMENTÁRIO “FRANCISCO”

As afirmações do Papa Francisco sobre a necessidade de os Estados oferecerem proteção legal para uniões entre o mesmo sexo, contidas no documentário “Francisco”, são extratos de entrevistas já divulgadas e recolhidas pelo realizador Evgeny Afineevsky, que revelam a atenção constante do Papa às necessidades reais da vida concreta das pessoas. Trata-se de um direito de proteção legal dessas uniões, que não afetam a doutrina da Igreja sobre o matrimónio, reservado na Igreja Católica à união entre um homem e uma mulher. Aliás, dentro do mesmo documentário há outro testemunho em que se diz explicitamente que o Papa Francisco não tem intenção de mudar a doutrina da Igreja.

Sobre o assunto, apresentamos as seguintes afirmações do Presidente da Conferência Episcopal Portuguesa, D. José Ornelas, em entrevista à Rádio Renascença no dia 21 de outubro.

RR – Esta quarta-feira, o Papa defendeu a criação de leis de união civil para homossexuais, criticando a discriminação destas pessoas. Como interpreta este sinal dado por Francisco?

D. José Ornelas – O Papa tem defendido que as pessoas, qualquer que seja a sua orientação sexual, têm o direito a serem respeitadas naquilo que são. Os Estados têm o dever de defender e concretizar essa defesa, legalmente, dentro do respeito pela diversidade que existe na sociedade.

RR – Mas o casamento entre pessoas do mesmo sexo já consagra esse respeito...

D. José Ornelas – ... mas não creio que alguma vez a Igreja Católica vá considerar que uma união entre pessoas do mesmo sexo seja um matrimónio. Igualdade de direitos e de oportunidades não significa fazer tudo igual. Significa que cada um, na sua individualidade, é respeitado em todos os momentos por aquilo que é. Por isso, a sociedade e, muito particularmente, o Estado deve criar os mecanismos necessários para que isso seja possível, com um quadro legislativo capaz de reconhecer a cada um a dignidade que tem tal como é e não como eu gostava que fosse.

In Secretariado Geral da CEP, Lisboa, 22 de outubro de 2020

OFERTAS PARA BOLETIM

Pedimos a colaboração generosa para com o Boletim, que é distribuído gratuitamente.

- Família n.º 2 – 10,00
- Família n.º 233 – 20,00
- Anónimo – 20,00

TOTAL DA SEMANA – 50,00 euros
A transportar: 23.593,95 euros
Despesas até agora: 31.233,59 euros
FORMAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS

– Na próxima quinta-feira, às 21.00 nas salas de catequese, teremos nova sessão de catequese de adultos. Estaremos via online com os missionários ad gentes, via ZOOM, escutando a intervenção do cardeal Tolentino Mendonça. A catequese é para toda a gente, embora se faça um convite especial aos membros dos grupos da Paróquia.

SEXUALIDADE E IDEOLOGIA DO GÉNERO NA ESCOLA

No outro dia o nosso filho, muito perturbado, contou-nos com muitos pormenores, aquilo que um especialista tinha dito na escola sobre a sexualidade. Ficámos desconcertados e perguntámo-nos: é correto tratar um tema tão delicado nas escolas?

M.G.

Parece-nos importante que o vosso filho tenha conseguido falar convosco de sexualidade. Na verdade, nem sempre é assim, depende muito do diálogo pais-filhos, que deve desenvolver-se desde a primeira infância, também sobre estas temáticas. De facto, falar de sexualidade com os filhos, com serenidade, só é possível se os pais a viverem com essa mesma serenidade e sem tabus.

Há, depois, um princípio a ter presente: os pais são os primeiros responsáveis pela educação dos filhos e ninguém, incluindo a escola, pode interferir nesta educação, sobretudo num campo, como o da sexualidade, que reflete de forma particular os princípios que orientam a vida de cada um. Poder-se-á objetar que, muitas vezes, os pais não estão preparados para isso, e até é verdade. Por isso, torna-se cada vez mais urgente atualizarmo-nos, documentarmo-nos, pedir ajuda aos especialistas que partilham as nossas escolhas de vida. Hoje, uma grande parte da educação sexual nas escolas inspira-se na ideologia do género, que, apresentando-se como estrada segura para evitar qualquer discriminação, vem perturbar os princípios fundamentais de uma saudável educação sobre a sexualidade. Mas não é suficiente mantermo-nos atualizados, é preciso também ajudar os outros pais a saber discernir as várias propostas escolares, algumas das quais são também muito válidas.

É necessário, portanto, envolvermo-nos e envolver outros para, em conjunto, fazer ouvir a nossa voz, falando com os professores, aprofundando os programas didáticos, inserindo-nos nas estruturas escolares, estimulando os políticos, etc., com grande respeito pelas ideias dos outros, mas também com a capacidade de defender as nossas. Não podemos delegar ao Estado uma tarefa que, antes de tudo, compete à família, nem permitir que se imponha um “pensamento único” sobre temas delicados que exigiram antes debates construtivos. De facto, só através de um confronto sem receio da multiplicidade de opiniões, juntamente com muitos pais que partilhem os nossos princípios, é possível descobrir a melhor estrada a seguir. Isto ajudar-nos-á a adquirir um espírito crítico e a ajudar também os nossos filhos a tê-lo, a acolher todo o positivo escondido em cada teoria, mas também a descortinar claramente os seus pontos fracos e perigosos.

 Maria e Raimundo Scotta,
 In Cidade Nova, Setembro de 2015